

TRABALHO E EDUCAÇÃO: UMA ANÁLISE ONTOLÓGICA PARA A EMANCIPAÇÃO HUMANA¹

Carlos Cesar Lopes Pinto Junior²

Resumo

O presente artigo se propõe a fazer uma análise filosófico científica a partir de pressupostos ontometodológicos presentes na teoria marxiana e na tradição marxista, a partir de um eixo crítico ao modo de produção capitalista e a sua forma de reprodução sob o complexo da educação no contexto contemporâneo de crise estrutural do capital e a conversão das massas populares em massas com caráter de classe pequeno burguês e logrou a emergência do pensamento irracionalista impedindo a emancipação através da educação.

Palavras-chaves: Ontologia; Trabalho; Educação; Marxismo; Teoria Política.

LABOR AND EDUCATION: AN ONTOLOGICAL ANALYSIS FOR HUMAN EMANCIPATION

Abstract

ABSTRACT: The following article proposes to carry out a scientific philosophical analysis based on ontomethodological assumptions present in Marxian theory and the Marxist tradition, from a critical axis to the capitalist mode of production and its form of reproduction under the education complex in the contemporary context of structural crisis of capital and the conversion of the popular masses into masses with a petty bourgeois class character and achieved the emergence of irrationalist thought preventing emancipation through education.

Keywords: Ontology; Labor; Education; Marxism; Political Theory.

TRABAJO Y EDUCACIÓN: UN ANÁLISIS ONTOLÓGICO PARA LA EMANCIPACIÓN HUMANA

Resumen

Este artículo propone un análisis filosófico y científico basado en presupuestos ontometodológicos presentes en la teoría y la tradición marxista, desde una perspectiva crítica sobre el modo de producción capitalista y su forma de reproducción dentro del complejo de la educación en el contexto contemporáneo de la crisis estructural del capital y la conversión de las masas populares en masas con carácter de clase pequeño burgués, lo que ha llevado al surgimiento del pensamiento irracionalista, impidiendo la emancipación a través de la educación.

Palabras clave: Ontología, Trabajo, Educación, Marxismo, Teoría Política.

¹ Artigo recebido em 09/10/2025. Avaliação em 22/10/2025. Aprovado em 18/11/2025. Publicado em 23/12/2025.

² Mestrando no Programa de pós-graduação em filosofia (PFI – UFF). carlosclpj@gmail.com

Introdução

Para analisar de forma ontológica a Educação e sua relação com a reprodução do Modo de Produção Capitalista no Brasil temos que ilustrar o contexto histórico político social do país. Deste modo, a terceira década do terceiro milênio, carrega a marca da continuidade do que muitos pesquisadores acreditavam ser uma onda passageira: o arrefecimento dos embates político ideológico no âmbito global.

O que há alguns anos parecia ser um fenômeno localizado, provocado de forma uníssona pelo cansaço social das populações em relação a específicos casos de corrupção, ao desemprego, a violência social etc., se mostrou parte de algo muito mais complexo, embora, sem tons de novidade. Problemáticas jogadas para de baixo do tapete frente a circunstancialidade do poder político na dinâmica metabólica (Mészáros, 2012) de um modo de produção que hoje, globalizado e financeirizado, implica às massas, condições de trabalho cada vez mais adversas (do ponto de vista dos direitos conquistados) e um alto custo de vida oscilante (sempre a baixo da inflação) que arremessa às massas de trabalhadores a um universo pouco decifrável das políticas monetárias impostas pelos bancos centrais, banco mundial e fundo monetário internacional (FMI). Instituições que não cumprem nem de longe suas missões regimentais definidas em seus estatutos, quando que muito pelo contrário, servem aos possuidores do capital internacional impondo políticas irracionais, definindo taxas de juros, câmbio e preço das commodities a partir da expectativa do mercado, aquele que é operado justamente pelos que se apropriam a riqueza material social legitimados pela Economia Política.

Como já registrado há mais de um século:

A economia política emergiu como consequência natural da expansão do comércio e, com ela, o trapaceiro simples e não científico foi substituído por um sistema especializado de fraudes permitidas, uma ciência completa do enriquecimento (Engels, 2021, p.161).

Essa ciência do roubo é baseada na crença da inação das maiorias despossuídas, justamente pela sensação de que tudo sempre foi assim. Essa suposta racionalidade surge em decorrência do esgotamento da forma social anterior (feudalismo)³ para dar conta da estrutura da forma substituta, o modo de produção capitalista,⁴ que por sua vez, desde sua origem, carrega contradições insanáveis como: a objetificação do ser humano, que converte o

³ Modo de produção anterior ao modo de produção capitalista entre o século V e XV da era comum. Foi baseado na divisão de classes, propriedade privada da terra, servidão e vassalagem.

⁴ Modo de produção vigente na sociedade contemporânea, baseado na propriedade privada dos meios de produção, exploração do trabalho assalariado e na forma mercadoria.

indivíduo que não possui propriedade dos meios de produção em uma mercadoria, pois, despossuído de meios de subsistência, sua única forma de sobreviver é vendendo seu tempo, sua força de trabalho, transformando-se também em um objeto que possui um valor, portanto, uma mercadoria; a apropriação individual da produção coletiva, ou seja, o trabalho é social, coletivo, mas a apropriação é privada, individual; como também, crises cada vez mais agudas e cíclicas. No capitalismo, as crises não são de escassez, mas crises de superprodução, pois os trabalhadores não conseguem consumir o que produzem. Uma alienação.

Estes problemas, cíclicos, as crises (Marx; Engels, 2010), se refletem nas microesferas nacionais de acordo com as características próprias do contexto histórico da região.

No Brasil, um país marcado por autoritarismo brutal de uma ditadura militar que torturou, matou e ocultou cadáveres, onde até mesmo, não apenas o capitalismo é tardio, mas a cultura política da democracia liberal teve uma difícil penetração social por conta da história colonial e escravocrata. Uma sociedade formada a partir da violência, do patriarcalismo, do racismo, do autoritarismo, que forja sua cultura social na reprodução categórica do atraso irracionalista e contra iluminista.

Já após a virada do século, a crise econômica global de 2008⁵ provocou mudanças significativas na forma de organização social e uma das mudanças, que se tornou comum ao cotidiano brasileiro, foi a emergência de uma enorme massa politicamente engajada, com princípios tradicionalistas⁶ e popularmente nomeados, de forma errônea, como conservadores.

Um grupo identitário, conforme a tendência das sociedades liberais contemporâneas, que em sua especificidade, busca a intensificação de desregulamentações dos direitos trabalhistas, e ao mesmo tempo, se funde a noções de um protestantismo estadunidense, ao pensamento do que sobrou da família militar, órfã de um regime de exceção para chamar de seu, junto a uma intelectualidade renegada e carente de espaço na academia.

Ao apontarmos a nomenclatura, conservador, dada a reação irracionalista como equivocada, é a simples contestação de que esta massa política nada quer conservar, e nem necessariamente destruir, mas a princípio, recuperar uma realidade gloriosa idealizada, mas que de fato nunca existiu, frente as contradições que este tempo a ser recuperado possuía. Este fato, ao mesmo tempo, lança os pesquisadores do fenômeno do irracionalismo contemporâneo, ao que talvez seja uma das maiores complexidades que podem se debruçar

⁵ Crise econômica mundial provocada por uma bolha imobiliária nos EUA, crédito de alto risco e securitização, tendo como marco a quebra dos bancos Merrill Lynch e Lehmann Brothers.

⁶ Filosofia política e social que possui a tradição, o conservadorismo, a ordem e a autoridade como aspectos centrais.

nos dias recentes. Podemos definir a questão com a seguinte argumentação: o reacender da força de movimentos irracionais ocorreu de tal forma, que empurrou os anticapitalistas e críticos da economia política para uma posição real de defensores da legalidade do direito liberal, da sociedade liberal e do modo de vida burguês que antes eram críticos. Estes se tornaram os conservadores de um ponto de vista da teoria política formal. Deste modo, podemos dizer que termos populares como direita, esquerda, progressista, conservador, reacionário e outros, muito pouco importam para análise do tecido social, frente a materialidade concreta do mundo real que é a opressão da maior parte da população pela lógica mercadoria.⁷

Frente ao seu objetivo central, contrário aos interesses dos trabalhadores e mediados por novas tecnologias digitais, estes movimentos promovem a luta ideológica na qual veem se saindo vitoriosos. Este cenário se torna cada vez mais negativo aos que lutam contra a ideologia irracionalista que sustenta a reprodução social, mantendo a enorme classe que apenas possui como propriedade a sua força de trabalho, reféns da classe minoritária que detém dos meios de produção para a subsistência de toda a espécie humana. Com a ajuda do irrefreável fenômeno da decadência ideológica do pensamento burguês,⁸ o bloco irracionalista avança na cooptação das massas populares através da proposição de soluções cada vez mais fáceis, a medida de que as contradições deste sistema de exploração se tornam cada vez mais complexos.

Uma óbvia posição irracionalista que ganha impulso ao observamos o timing de outras questões que orbitam o debate público social e a luta política ideológica no Brasil, são os ataques a educação, a universidade pública, a escola, aos professores e a ciência em geral, mas com ênfase nas ciências humanas.

Posto como alvo principal, não por coincidência, as ciências humanas ocupam uma posição de poderosa crítica ao modo de produção capitalista, seja ela de orientação reformista ou não. Este campo é historicamente responsável por aguçar o pensamento crítico reflexivo da sociedade através das novas gerações. Uma faculdade intelectual que impõe barreiras a reprodução social do capital em plena normalidade e ao projeto do bloco irracionalista. Portanto, um inimigo perfeito àqueles que buscam manter este sistema de opressão de pé,

⁷ Mercadoria: categoria essencial para compreender a crítica de Marx no livro *O Capital*. Expressa um determinado produto para satisfazer a necessidade humana, mas que a priori é destinado para suprir o mercado e gerar lucro.

⁸ Conceituação feita por Gyorgy Lukács, a partir do pensamento de Marx, sobre a compreensão da perda do carácter revolucionário da burguesia gerando um fenômeno que tem início em 1848 após a revolução deste ano mostrar que as promessas de liberdade, igualdade e justiça não haviam se concretizado.

intensificando as formas de exploração pelo componente da reação. Seja na cultura, nas relações de gênero, na banalização da violência e claramente pelo embrutecimento intelectual das massas.

Uma sociedade contra a educação e a repulsa ao estudo

Na ausência de um projeto autêntico que se debruce a compreender que essas crises são insanáveis caso não se coloque em pauta um real projeto de mudança da forma de organização social, o que sobra é imputar a culpa em algo ou em alguém. A construção do medo baseado na destruição das condições sociais de reprodução de cada brasileiro, é essencial para a cooptação de mentes. A depender do contexto, o inimigo pode ser escolhido de forma individual, ou como uma frente para o conflito ideológico. O negro, o homossexual, a mulher, o muçulmano, o imigrante, o professor, ou todos eles. O professor, em específico, nesta lógica do inimigo, ocupa o espaço da escola como um suposto doutrinador, um indivíduo que não estaria ensinando, não estaria transmitindo o resultado da ação humana ao longo da história de forma correta. Estaria doutrinando e ideologizando as novas gerações com preceitos que degradam uma moral específica. Portanto, um inimigo a ser combatido. Este quadro foi relatado como crítica ao Movimento Escola Sem Partido (MESP)⁹ da seguinte forma:

[...] a figura do professor doutrinador, aquele que impõe temas e conteúdo que contradizem a vontade e a crença das famílias. Esta visão, de que cabe à família decidir sobre o que os filhos podem aprender ou não — como ressalta um dos slogans do movimento: “meus filhos, minhas regras” —, passa a ser um dos eixos estruturantes dessa agenda e dos projetos do Movimento Escola Sem Partido (MESP). Consolida-se um cenário em que a família está em risco, a educação das crianças corre perigo e o professor é parte importante desta ameaça. Assim, passamos a assistir a uma série de episódios de perseguição a estes profissionais e de censura nas escolas. No início de setembro de 2019, por exemplo, o governador de São Paulo, João Doria (PSDB), mandou recolher o material escolar de ciências para alunos do 8º ano do Ensino Fundamental, pois segundo ele a apostila trazia conceitos de sexo biológico, identidade de gênero e orientação sexual. No mesmo ano, o então prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella (Republicanos), considerou a história em quadrinhos “Vingadores: A cruzada das crianças”, em que dois personagens da saga são namorados e aparecem se beijando em um painel, conteúdo sexual para menores e ordenou que fosse recolhida da Bienal do Livro (Passos; Mendonça, 2021, p. 8-9).

⁹ Movimento Escola Sem Partido é uma organização que defende a neutralidade pedagógica no que tange a assuntos políticos e ideológicos na escola, sob o argumento da ocorrência de uma suposta doutrinação no sistema de ensino brasileiro.

Nesta mesma seara, emergiu (importado do irracionalismo estadunidense) o famigerado *homeschooling*.¹⁰

A Educação se tornou um campo em disputa para um grupo que, de forma paradoxal, busca manter a hegemonia de uma forma de sociedade que reproduz uma vida cotidiana que é cada vez mais alérgica ao estudo (Lessa, 2014). Não raro observamos inúmeras manifestações contra o ensino formal, contra o saber acadêmico, contra os intelectuais, sob a alegação de ausência de objetividade no retorno para a acumulação de bens de consumo de propriedade pessoal. Ou seja, há uma trivialidade nessa luta maniqueísta pela Educação por aqueles que ao mesmo tempo buscam estar em consonância com o mais pueril da porosa vida burguesa.

Metodologia

Compreender o método de abordagem para a análise de um determinado objeto, é questão indiscutível na produção científica. Neste trabalho, o método utilizado, é o padrão marxiano. Vale esclarecer que hoje o padrão mais usado é o padrão pluralista, ou eclético, que ganhou força no contexto da derrocada do bloco soviético.

Uma onda que tomou conta das ciências sociais, afirma de forma pouco confiável, que os acontecimentos ocorridos no leste europeu na última década do século XX confirmam a obsolescência dos antigos paradigmas epistemológicos do socialismo científico. Sendo essa onda interpretativa (frágil) ter sido assimilada, o que fazer? Se apegar as teorias marxistas “obsoletas” ou buscar novos cruzamentos teóricos? Dogmatismo ou pluralismo?

Segundo Ivo Tonet, essas perguntas estão necessariamente erradas, argumenta que

[...] o verdadeiro dilema não está entre o dogmatismo e o pluralismo, mas entre uma abordagem da problemática do conhecimento fundada na perspectiva da subjetividade e uma outra fundada na perspectiva da objetividade, de caráter histórico-ontológico. A primeira leva ao pluralismo metodológico, a segunda à sua radical infirmação e, a meu ver, a uma solução teórica mais correta para a problemática da crise das ciências sociais (Tonet, 2022).

Análises e debates teóricos não são uma postura conflituosa com a ideia de haver uma teoria específica que compreende melhor a realidade. Não se trata de um método ser mais democrático do que o outro. Tonet continua:

[...] uma coisa é o espírito de abertura ao confronto de ideias, a convicção levada à prática de que o progresso do conhecimento se torna impossível onde reina o dogmatismo e a recusa ao debate. Outra coisa é a aceitação da relatividade dos métodos e da verdade. O espírito de abertura ao debate não é necessariamente conflitante com o privilegiamento de determinado método como o mais adequado para a compreensão da realidade (Tonet, 2022).

¹⁰ O *homeschooling* é uma forma de educação domiciliar onde um pai, uma mãe, ou outro parente assume a educação escolar do dependente.

Nesse caso, o método aqui adotado, o do materialismo histórico ou apenas o, ontológico, pressupõe que para que seja construída as condições necessárias para a mudança da forma de organização social, é imperativa a explicação de como a sociedade alcançou o atual estágio de emaranhamento que supostamente impossibilitaria sua superação ou sua simples reformulação. O esclarecimento acerca da origem do ser social, da natureza, o desenvolvimento das relações sociais, da expropriação da terra, da acumulação primeira (primitiva) do capital e dos aparelhos ideológicos usados ao longo do processo histórico que demarca a emergência e a vitória da classe burguesa, portanto, da desigualdade entre os homens, são essenciais. A clarificação racional de que a realidade objetiva, concreta e real, é resultante não de fenômenos prontos, surgidos do nada, de uma natural e incontornável condição da psiquê humana, ou de determinação de seres fantásticos e místicos que estão distribuídos nas muitas expressões teológicas criadas pela cultura humana, mas sim da interação dos homens com a natureza, que para além de transformá-la, transformam a si próprios, adquirindo novas competências e saberes que após este processo tornam-se objeto da Educação, que se incumbe em transmitir o conhecimento acumulado às novas gerações.

De todo modo, há de se ressaltar que o método ontológico, usado Marx e pela tradição de críticos da sociedade da mercadoria, para a apreensão da realidade e para análise de um objeto, não é um método alimentado por definições, mas por determinações. E a diferença essencial entre esses termos não é meramente trivial. Ao contrário das definições, que são estáticas e aplicadas de forma apriorística, as determinações, pressupõem sempre uma aproximação. E esse complexo metodológico se dá porque, ao analisar a realidade social, percebermos que ela está em movimento, logo, qualquer definição não daria conta de acompanhar suas mudanças. Assim, o objetivo do método ontológico é sempre o desvelar ao máximo possível as determinações do objeto que é pesquisado sabendo que elas nunca se esgotarão por conta do seu movimento infinito.

[...] partimos do método das determinações contrapondo-o ao das definições, estamos apelando aos fundamentos reais da dialética, à infinitude extensiva e intensiva dos objetos e de suas relações. Todo intento de captar intelectualmente essa infinitude tem que sofrer de insuficiências. No entanto, a definição fixa sua própria parcialidade como coisa definitiva e tem, conseqüentemente, que violentar o caráter fundamental dos fenômenos. A determinação, por outro lado, considera-se desde o princípio como coisa provisional (de provisório), necessitando de complemento, como algo que essencialmente tem que ser continuado, desenvolvido, concretado. Isto é: quando, nesta obra, toma-se um objeto, uma relação entre objetividade, uma categoria e, mediante sua determinação, ilumina-se com a conceitualidade e a conceituabilidade, busca-se sempre e se pensa sempre uma coisa dúplice: caracterizar o objeto de modo que possa ser identificado sem confusões, mas não pretende que o ser-conhecido tenha já que encontrar, neste nível, a sua totalidade, de

tal forma que estivesse justificado se deter, definitivamente, neste ponto. Somente é possível aproximar-se do objeto, paulatinamente, passo a passo, contemplando-o em diversos contextos, de tal modo que a determinação inicial, embora não se destrua — pois nesse caso seria falsa — vá se enriquecendo constantemente e vá se aproximando à infinitude do objeto ao que se orienta; é, por assim dizer, um processo de astúcia (Lukács, 2017).

A adoção do método ontológico, tal como proposto por Marx e desenvolvido por Lukács, revela-se fundamental para a compreensão da realidade social em sua totalidade dinâmica e histórica. Ao contrário das abordagens pluralistas ou ecléticas, que tendem a fragmentar o conhecimento e a relativizar a verdade, o método ontológico parte da perspectiva da objetividade histórica, buscando desvelar as determinações essenciais que constituem os fenômenos sociais. Essa abordagem não se limita a definições estáticas, mas avança por meio de determinações provisórias, que se enriquecem e se concretizam à medida que o objeto de estudo é analisado em seus múltiplos contextos e relações. Assim, o método ontológico não apenas oferece uma base teórica sólida para a crítica da sociedade capitalista, mas também aponta caminhos para a superação das formas de alienação e exploração que caracterizam esse modo de produção. Ao desvelar as determinações que fundamentam a realidade, ele permite compreender como a educação, o trabalho e outros complexos sociais estão interligados na reprodução da vida social. Essa compreensão é essencial para a construção de um projeto emancipatório, que vise à transformação radical da sociedade e à realização plena das potencialidades humanas. Portanto, o método ontológico não é apenas uma ferramenta de análise, mas um instrumento de luta pela emancipação humana.

Trabalho e Educação

A ontologia que aqui nos referimos, é a teoria do ser, aquela que tem o complexo do trabalho como categoria fundante, tal qual sua melhor expressão explicativa foi deixada por Karl Marx em *O Capital* e em continuidade por Gyorgy Lukács na *Ontologia do ser social*. A educação por sua vez, ocupa o lugar como um complexo desse complexo anterior (trabalho). Estes, integram, junto a outros, a totalidade social, que é a síntese de todos esses complexos, e complexos de complexos, funcionando de forma dinâmica, gerando o movimento de reprodução social na qual, a educação tem por característica uma íntima ligação, pois ela atua na formação e integração do ser social a está totalidade que não se restringe a simples soma desses complexos e categorias.

A totalidade é mais do que a soma das partes (pois, além de conter todas as partes, contém ainda as múltiplas e muito variadas interações entre elas), a qualidade predominante na totalidade frequentemente é muito distinta daquela que predomina

em cada um de seus elementos (isso é válido para todos os fenômenos do universo, os da matéria inorgânica, os fenômenos biológicos e, ainda com maior razão, para a história humana). Essa diferença de qualidade entre o ato singular e os processos sociais faz com que a história raramente coincida com os desejos e finalidades dos indivíduos - Robespierre dedicou sua vida a uma sociedade de homens iguais, fraternos e libertos, mas o resultado real de suas ações foi a sociedade burguesa na qual todos somos lobos de todos (Lessa, 2014, p. 11).

É importante mencionarmos que a categoria trabalho ser colocada como um complexo fundante, não significa uma hierarquia frente a qualquer outra categoria, inclusive a da Educação. Apenas a constatação de que as que estão colocadas de forma secundária, ou como complexo de complexos, expressam, que essas, devem sua existência ao movimento do ser social no complexo da categoria trabalho e tornam-se parte necessária a reprodução.

O trabalho como categoria fundante

O trabalho, como esboçamos de forma preliminar, é um processo entre o homem e a natureza. O homem aplica sua subjetividade objetivando suprir uma necessidade, e sua ação na matéria prima cedida pela natureza, que é um objeto de trabalho, mas que não necessariamente faz de todo objeto de trabalho uma matéria prima, visa modificá-la, ao mesmo tempo que modifica a si. Portanto, nas palavras de Marx:

[...] a atividade do homem, com ajuda dos meios de trabalho, opera uma transformação do objeto do trabalho segundo uma finalidade concebida desde o início. O processo se extingue no produto. Seu produto é um valor de uso, um material natural adaptado às necessidades humanas por meio da modificação de sua forma. O trabalho se incorporou a seu objeto. Ele está objetivado, e o objeto está trabalhado. O que do lado do trabalhador aparecia sob a forma do movimento, agora se manifesta, do lado do produto, como qualidade imóvel, na forma do ser. Ele fiou, e o produto é um fio (Marx, 2017, p. 258).

Marx, como pensador responsável por legar esta forma de interpretação da realidade, admitirá que o complexo fundador do trabalho, por ser tão universalizante, deve ser apreendido em sua raiz. Desta forma, o homem, o ser social, está no centro, pois ele é o sujeito desta relação dialética com a natureza, e a ação da categoria trabalho é a matriz de todas as outras categorias e/ou complexos. O trabalho gera uma dependência ontológica frente as outras categorias. A exemplo: a educação é um complexo, uma categoria ontologicamente subordinada ao trabalho, mas o trabalho não é subordinado a educação. Ao mesmo tempo que também uma determinação de cunho recíproco é estabelecida, porque apesar do trabalho não ser determinado pela educação, como em nosso exemplo, ele sofre uma influência da educação quando essas categorias são colocadas em movimento. A isso chamamos, reprodução social. Portanto, a realidade concreta e objetiva é dada de forma como que é o

trabalho que funda a necessidade primordial do ser social. À medida que o movimento ocorre, se abre a necessidade de novos complexos para responder a imediaticidade deste movimento da espécie humana e que não conseguem ser supridas pelas características e propriedades da categoria fundante.

É a partir da análise do trabalho que conseguimos compreender a dicotomia entre essência e aparência. Nada é como parece! Existe uma razão ontológica sob os ombros de um processo histórico.

Os homens fazem a sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas lhes foram transmitidas assim como se encontram. A tradição de todas as gerações passadas é como um pesadelo que comprime o cérebro dos vivos (Marx, 2011, p. 25).

A realidade social na concepção ontológica ao contrário de outras concepções e formulações, como é o caso da pós-moderna, que alega que apenas podemos conhecer a realidade de forma individualizada e de acordo com a singularidade do olhar do pesquisador, diz que podemos compreender o que a realidade de fato é, pois somos nós seres humanos que a produzimos, a partir da atividade do trabalho. A realidade social é construída pelos homens de forma integral e não por meio de qualquer outro ou por intervenção divina.

Esta lógica, que a priori parece ser circular, mas que tem sua origem no homem, nos permite a percepção científica de que a realidade é uma totalidade de complexos, e complexos de complexos. Esta afirmação, entra em conflito com uma ideia muito presente no debate acerca da realidade social, de que a realidade é expressão de microcosmos. Do sentido de que ela seja estruturada com base na soma caótica de diversos universos, hoje também conhecido como identidades. Ou seja, um cosmo caótico, que contradiz a própria noção ordenada de cosmo. Uma fragmentação da realidade. Fenômeno característico da sociedade capitalista. Mas que se torna mistificado, a medida em que o interesse de se tomar a realidade de forma radical ao seu processo histórico se perde entre os seres humanos que naturalizam as expressões sociais resultantes das contradições da forma de organização social burguesa vigente na sociedade contemporânea.

A interpretação ontológica da realidade, por estar colada na racionalidade, se autoexplica. Se se perde o percurso histórico de seu desenvolvimento, o homem, indivíduo perde conexão consigo mesmo e cai nas interpretações irracionalistas que, por não poucas vezes, se tornaram as filosofias oficiais do mundo dos homens (Lessa, 2012), desembocando na miséria ideológica do ser e até em violências extremas, como os genocídios.

Educação e reprodução social

O trabalho é a atividade que proporciona a emergência de novos complexos, sendo a educação um deles. Para dar conta das necessidades humanas desenvolvidas a partir dessa forma de transformação da natureza provendo o primeiro passo de um fenômeno social que chamamos de reprodução, os complexos que foram gerados por essa demanda possuem uma interrelação específica para sua continuidade. De modo que o processo histórico avança, emergem novos comportamentos sociais que trazem níveis mais estruturados com demandas simultâneas que tornam a vida social mais complexa. Com isso, o gênero humano, carece de novas categorias que deem conta de supri-las e que proporcionem elementos para uma continuidade da forma de sociabilidade. Lukács argumenta que:

[...] o essencial da educação dos homens, pelo contrário, consiste em capacitá-los a reagir adequadamente aos acontecimentos e às situações novas e imprevisíveis que vierem a ocorrer depois em sua vida. Isso significa duas coisas: em primeiro lugar, que a educação do homem – concebida no sentido mais amplo possível – nunca estará realmente concluída. Sua vida, dependendo das circunstâncias, pode terminar numa sociedade de tipo bem diferente e que lhe coloca exigências totalmente distintas daquelas, para as quais a sua educação – no sentido estrito – o preparou (Lukács, 2013, p. 176).

Destacamos novamente que como complexo secundário, a educação não se dá em um nível de ordem hierárquica, mas sim simultânea e sua “subordinação” que é uma derivação, apenas é aparente pelo aspecto fundante do complexo do trabalho.

Os complexos secundários que atendem necessidades criadas a partir da categoria trabalho, se relacionam simultaneamente uns aos outros para preservar a sociabilidade, e a ação de educar, se insere neste contexto como movimento socialmente necessário para garantir a reprodução social acompanhando o desenvolvimento histórico das forças produtivas estabelecendo novos padrões comportamentais que serão integrados a totalidade social. Devemos distinguir que o processo de educação de forma mais universal é para homens algo diferente do que é para os animais. Estes últimos, segundo Lukács, possuem a ajuda dos animais adultos, mas como apontado por Ivo Tonet, apesar dessa ajuda, a relação dos animais com a história é ancorada por um código genético (Tonet, 2001, p. 139) e a dos homens pela consciência. Em outras palavras, os animais nascem com capacidades inatas para a manutenção de sua vida e os homens não. Embora, os seres passem por um processo contínuo até a sua morte, pois, desde a mais tenra idade, a vida é um processo repleto de interações que nos proporcionam a assimilação de algo novo a todo momento.

Em sentido menos amplo, a escola, a pedagogia e métodos educacionais estão em função de dar uma resposta objetiva a totalidade social preparando os mais jovens para

estarem capacitados para nela ser integrados, busca ao mesmo tempo direcioná-los a perspectiva de que seja possível uma outra realidade social, que se organize de forma mais racional, mas não obtém êxito para além de pequenas mudanças localizadas incapazes de uma reestruturação ou superação da forma de sociabilidade da sociedade da mercadoria. Há um avanço, mas é ontologicamente limitado, pois, por ser um complexo de complexos, em relação com outros complexos e complexos de complexos que atuam na reprodução social, o processo educativo não agirá norteando o homem para sua emancipação em si, mas para a totalidade. Nesse momento a Economia surge para reivindicar seu exército.

Percebemos que há uma relação muito próxima. Esse novo complexo possui atribuições e determinações que imputam os parâmetros curriculares a contribuir para este processo de reprodução social. E é aqui, que se encontra nosso problema. A educação, se vê em uma posição que contribuirá para perpetuação dessa forma de sociabilidade. A educação é um complexo que conserva o modo de vida burguês.

Educação e emancipação

Como vimos, dificilmente encontraremos quem diga que o complexo da educação não possui uma clara ligação com a totalidade social que resulta das inumeráveis relações sociais de produção com a finalidade da reprodução desta mesma totalidade. Sendo assim, a educação por si própria, apesar de possuir posição central nesse fenômeno, não é capaz de realizar a superação da lógica da mercadoria sem que ocorram mudanças no interior deste sistema universal que abrange não apenas o aspecto puramente micro, que é a variável do complexo econômico (das diversas categorias que poderia assumir forma, mediante as necessidades humanas), mas acima de quaisquer, as transformações educacionais devem ser acompanhadas por mudanças na ética e na estética de toda a sociedade. Ou seja, se o movimento da educação for feito em direção a emancipação humana sem estar em consonância a crítica e a mudança de outros complexos, pouco, ou nada será mudado. A esse respeito, Mészáros é categórico:

As mudanças sobre tais limitações, apriorísticas e prejudgadas, são admissíveis apenas com um o único e legítimo objetivo de corrigir algum detalhe defeituoso da ordem estabelecida, de forma que sejam mantidas intactas as determinações estruturais fundamentais da sociedade como um todo, em conformidade com as exigências inalteráveis da lógica global de um determinado sistema de reprodução. Podem-se ajustar as formas pelas quais uma multiplicidade de interesses particulares conflitantes se deve conformar com a regra geral preestabelecida da reprodução da sociedade, mas de forma nenhuma pode-se alterar a própria regra geral (Mészáros, 2010, p. 25).

Torna-se claro que a educação sob a concepção de complexo da totalidade social que reproduz o capital, não é capaz de travar um embate real por maior e melhor que sejam as intenções de seus interlocutores.

Há uma determinação ontológica para essa questão: as determinações do capital, são irreformáveis. Por ser uma totalidade sistêmica que em seu interior interage de forma simultânea diversos complexos, não é possível consertar suas contradições, seja pela educação, seja pelo trabalho, seja pelo direito, seja pela economia ou por qualquer outro complexo ou categoria (Mészáros, 2010). Isso não significa uma subserviência derrotista ao capital, muito pelo contrário, as alternativas educacionais devem se multiplicar demonstrando a imutabilidade, que por sua vez impulsionará cada vez mais a convicção de que as contradições são insanáveis e que não há caminho a seguir que não seja o rompimento da forma e da lógica estrutural do capital ao nível mais absoluto e total.

A educação escolar aos moldes do capital, reprodutora da totalidade sistêmica do capital vem atuando não apenas para educar em um nível mais baixo possível tecnicamente falando, os indivíduos para serem parte da mão de obra. São incluídas também no exército industrial de reserva, usando a expressão de Marx. A educação é responsável por inculcar valores morais que naturalizam a classe burguesa.

Nossa vida está permeada por essa reificação,¹¹ afinal, sendo o capital o que é, não irá cessar seu movimento de reprodução. A mudança desse estado de coisas exige uma outra forma de pensar e produzir, levando em conta nossos pressupostos primordiais do trabalho em alterarmos a nós mesmos no processo. Nesse caso devemos alterar a maneira como nossa consciência concebe a nossa forma de ser. Sem ilusão, superar a sociedade da mercadoria vai muito além do que apenas mostrar ao máximo de pessoas suas contradições e negá-lo afetivamente. Superar o capital é

[...] inerentemente concreto [...] tem em vista a realização de uma ordem social metabólica que sustente concretamente a si própria, sem nenhuma referência autojustificativa para os males do capitalismo. Deve assim porque a negação direta das várias manifestações de alienação é ainda condicional naquilo que ela nega, e, portanto, permanece vulnerável em virtude dessa condicionalidade (Mészáros, 2010. p. 62).

O conceito de emancipação tem em seu fundamento, um resgate feito pelo indivíduo, de suas potencialidades como ser social, sequestradas pela lógica não só do capital como de todas as sociedades de classes. Ao recuperar essa característica, os homens se libertam da

¹¹ O conceito de reificação é definido quando as relações sociais necessárias para a produção perdem sua natureza histórica e social e se transformam em coisas.

dominação e libertam todo corpo social, a totalidade. De forma mais conclusiva, o ser social é resultado das ações que ele próprio realiza em sociedade, como também, da forma como modifica seu ambiente social e seu ambiente natural a partir de circunstâncias definidas pelo próprio ser social. Deste modo, o homem é responsável por definir seu futuro como espécie de acordo com as suas interações que realiza frente as circunstâncias sociais historicamente determinadas. Ou seja, no que tange ao complexo da educação e o seu resultado na reprodução social, significa dizer que é um processo interminável ligado à um emaranhado de perspectivas diversas, definidas pelas necessidades humanas, mas que conservam dois aspectos centrais que são, nas palavras de Lukács:

[...] por um lado, a educação do homem é direcionada para formar nele uma prontidão para decisões alternativas de determinado feitio; ao dizer isso, não temos em mente a educação no sentido mais estrito, conscientemente ativo, mas como a totalidade de todas as influências exercidas sobre o novo homem em processo de formação. Por outro lado, a menor das crianças já reage à sua educação, tomada nesse sentido bem amplo, por seu turno igualmente com decisões alternativas, e a sua educação, a formação de seu caráter, é um processo continuado das interações que se dão entre esses dois complexos (Lukács, 2013, p. 295).

Todas essas reflexões nos alinham a compreensão de que o complexo do trabalho e o da educação são impensáveis sem estarem articulados. Isso nos diz que toda tentativa para emancipação estará infelizmente destinada a falhar. Todavia, essa afirmação não deve ser tomada como um catastrofismo ou derrotismo. Como já desenvolvemos acima, há uma análise onto-histórica capaz de alcançar o máximo de determinações do complexo da educação, descortinando seu movimento objetivo através da sua origem e de sua função social como também de seu desenvolvimento, e é neste método que reside a chave para a mudança empregada pelos homens rumo a superação de sua própria alienação. Logo, enquanto complexo integrante da totalidade social, desempenha um papel central na reprodução das relações sociais e da lógica do capital.

Como demonstrado, sua capacidade de promover a emancipação humana é limitada quando isolada das transformações necessárias em outros complexos sociais, como a ética, a estética e a economia. A tradição crítica é contundente ao afirmar que ajustes pontuais no sistema educacional, sem alterar as determinações estruturais do capital, não são suficientes para superar as contradições inerentes à sociedade da mercadoria. A educação, sob a lógica capitalista, não apenas forma mão de obra para o mercado, mas também reproduz valores que naturalizam a dominação de classe, perpetuando a alienação e a reificação. Portanto, a transformação educacional deve estar articulada a um projeto mais amplo de superação do capital, que envolva a mudança radical das bases materiais e ideológicas da sociedade. E

emancipação humana, nesse sentido, exige uma ruptura com a lógica do capital e a construção de uma nova forma de organização social, na qual a educação não seja um instrumento de reprodução, mas um espaço de formação crítica e autônoma.

Como destacado por Lukács, a educação é um processo contínuo de interação entre as influências sociais e as decisões individuais, o que reforça a necessidade de uma abordagem ontológica que compreenda a totalidade das determinações históricas e sociais. A superação da alienação não se dará apenas pela negação das contradições do capitalismo, mas pela construção de uma nova práxis social, que resgate as potencialidades humanas e promova a realização plena do ser social. Assim, a luta por uma educação emancipatória deve estar intrinsecamente ligada à luta pela transformação radical da sociedade, rumo a uma ordem social que supere as limitações impostas pelo capital e realize as possibilidades históricas da humanidade.

Conclusão

Dada a problemática da superação do estado de reprodução social a partir do atual cenário, transformar a educação – como complexo reprodutor de uma sociedade desigual e exploradora – em uma arma da crítica capaz de sustentar a construção de uma consciência contracapitalista no ser social é a grande tarefa a ser executada. Este movimento pressupõe para além da crítica ontológica, um rompimento com a atual pedagogia desenvolvida sob os moldes da sociedade capitalista, inclusive com os supostos “avanços” reformistas que reestruturam o complexo da educação afim de dar conta do avanço sistêmico do capitalismo. Esses parâmetros, por estarem circunscritos a uma dinâmica de expansão do capital, promovem um bloqueio à emancipação. Para superar esse bloqueio à emancipação, é necessário construir uma nova práxis educativa que não apenas critique as estruturas vigentes, mas que também seja capaz de propor alternativas concretas e viáveis para a transformação social. Essa nova pedagogia deve estar fundamentada em princípios que priorizem a autonomia, a solidariedade e a coletividade, em contraposição à lógica individualista e competitiva do capitalismo.

A educação, nesse sentido, deve ser entendida como um espaço de formação crítica e política, onde os indivíduos possam desenvolver uma consciência de classe e compreender as relações de exploração e dominação que permeiam a sociedade. Isso implica em uma abordagem que vá além da transmissão de conhecimentos técnicos e instrumentais, privilegiando a reflexão sobre as contradições sociais e a busca por soluções que visem à

superação dessas contradições. Além disso, é fundamental que uma nova pedagogia seja construída de forma democrática e participativa, envolvendo todos os atores sociais comprometidos com a transformação radical da sociedade. Isso significa que os educadores, estudantes, trabalhadores e movimentos sociais devem estar engajados no processo de construção de uma educação verdadeiramente emancipatória, que não se limite a reproduzir os valores e práticas do sistema capitalista. Um outro aspecto crucial é a necessidade de vincular a educação às lutas sociais concretas, de modo que ela não se torne um apenas um discurso desconectado da realidade. A educação deve estar a serviço das lutas por direitos, por justiça social e por uma nova organização da sociedade, que supere as desigualdades e as formas de opressão existentes.

Por fim, o resultado analítico que chegamos e que é importante ressaltar, é que a construção de uma consciência contracapitalista não é um processo linear ou imediato. Ele exige persistência, organização e um compromisso coletivo com a transformação social. A educação, como ferramenta de crítica e de construção de alternativas, tem um papel central nesse processo, mas ela só poderá cumprir seu papel se estiver articulada a um projeto político mais amplo, que vise à superação do capitalismo e à construção de uma sociedade verdadeiramente justa e igualitária.

Em síntese, a superação do estado de reprodução social e a transformação da educação em um instrumento de crítica e emancipação exigem um rompimento radical com os paradigmas da pedagogia capitalista. Isso implica não apenas a desconstrução dos mecanismos que perpetuam a desigualdade e a exploração, mas também a construção de uma nova práxis educativa, alicerçada em valores como a solidariedade, a autonomia e a justiça social. Essa educação deve ser um espaço de formação política, capaz de fomentar uma consciência contracapitalista e de articular-se às lutas sociais concretas, contribuindo para a organização coletiva em prol de uma sociedade verdadeiramente livre e igualitária.

A tarefa é complexa e desafiadora, pois exige a mobilização de forças sociais comprometidas com a transformação radical da realidade. No entanto, é somente através dessa ruptura e da construção de alternativas educativas e políticas que poderemos vislumbrar a superação das estruturas opressoras do capitalismo e a emergência de um novo projeto de sociedade, centrado na dignidade humana e na realização plena de todas as potencialidades do ser social. A educação, como arma da crítica e da práxis transformadora, tem um papel indispensável nessa jornada, mas seu sucesso dependerá da capacidade de articulação e resistência de todos aqueles que lutam por um mundo mais justo e humano.

A análise ontológica do trabalho e da educação, fundamentada na teoria marxiana e na tradição marxista, revela que a luta pela superação dessa realidade exige uma crítica radical ao capitalismo e à sua pedagogia, que naturaliza a exploração e a fragmentação da vida social. A educação, como parte integrante da totalidade social, deve ser ressignificada como um espaço de formação crítica e política, capaz de desvelar as contradições do sistema e de fomentar a consciência de classe necessária para a construção de uma sociedade verdadeiramente igualitária. Amparados pela ontologia do ser social, ao evidenciar a relação dialética entre trabalho e educação, podemos compreender quais são as bases teóricas para essa transformação, reafirmando que a história é feita pelos seres humanos e que a emancipação só será possível por meio da superação das estruturas opressoras do capitalismo. Portanto, a tarefa de transformar a educação em um instrumento de crítica e emancipação não é apenas pedagógica, mas profundamente política. Ela exige a articulação de forças sociais comprometidas com a construção de um projeto histórico alternativo, que supere a lógica mercantil e promova a realização plena das potencialidades humanas que sob o julgo da lógica do capital são limitadas e alienadas a meros instrumentos de produção, privados de suas capacidades criativas e submetidos a uma existência fragmentada, na qual suas potencialidades são limitadas pelas necessidades do mercado e pela reprodução das relações de exploração. A realização plena dessas potencialidades, só pode ser alcançada por meio do desenvolvimento integral do ser humano.

Esse desenvolvimento implica a criação de condições materiais e sociais que permitam aos indivíduos explorar livremente suas capacidades intelectuais, artísticas, afetivas e produtivas, sem as amarras da exploração e da alienação. Significa transformar a educação, o trabalho e as relações sociais em espaços de autodeterminação e cooperação, onde os seres humanos possam se reconhecer como sujeitos históricos e agentes de sua própria transformação. A realização plena das potencialidades humanas, não é apenas um ideal abstrato, mas uma possibilidade concreta que depende da construção de uma nova forma de organização social, baseada na igualdade, na liberdade e na solidariedade, superando a lógica do lucro que hoje domina a vida social.

A educação, nesse sentido, deve ser entendida como um campo de luta, onde se disputa não apenas o conhecimento, mas o próprio futuro da humanidade.

REFERÊNCIAS

ENGELS, Friedrich. **Esboço para uma crítica da economia política**: e outros textos de juventude. São Paulo: Boitempo, 2021.

LESSA, Sérgio. **Mundo dos homens**. São Paulo: Instituto Lukács, 2012.

LESSA, Sérgio. **O revolucionário e o estudo**: por que não estudamos?. São Paulo: Instituto Lukács, 2014.

LUKÁCS, Gyorgy. **Para uma ontologia do ser social II**. São Paulo: Boitempo, 2013.

LUKÁCS, Gyorgy. Prólogo da obra “Estética”. In: **Anuário Lukács 2017**. São Paulo: Instituto Lukács, 2017.

MARX, Karl. **Grundrisse**: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto comunista**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política: Livro 1: o processo de produção do capital. Trad. Rubens Enderle. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

MÉSZÁROS, István. **Educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2008.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**: rumo a uma teoria da transição. São Paulo: Boitempo, 2010.

PASSOS, Pâmella; MENDONÇA, Amanda. **O professor é o inimigo**: uma análise sobre a perseguição docente no Brasil. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

TONET, Ivo. **Educação, cidadania e emancipação humana**. 2001. 164f. Tese de Doutorado – Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista – UNESP, Campus de Marília – São Paulo.

TONET, Ivo. **Pluralismo metodológico**: falso caminho. Revista GESTO-Debate, v. 21, n. 01-12, 20 set. 2022.